

Jovem *versus* Trabalho

O que resta da sociedade contemporânea para essa classe social

“...Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E a sua vida é trabalho
E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
Se morre, se mata
Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz.”
Trecho da música Guerreiro Menino
(um Homem Também Chora)
Composição: Gonzaguinha



Qual sentido tem o trabalho na vida de uma pessoa? Qual sua importância? O que muda na vida de uma pessoa empregada? Como é seu relacionamento na sociedade? Seu temperamento é influenciado pela oportunidade de emprego? O salário, ou a falta dele, tem haver com o aumento da violência? O trabalho liberta o homem ou escraviza? Porquê e para quê arrumar um emprego? Qualquer emprego serve? A escola ajuda, atrapalha ou não influencia na conquista do mercado de trabalho?

Essas e outras perguntas certamente já passaram pela sua cabeça. A nossa proposta aqui é responder esses questionamentos, não de uma forma aleatória sem conexão com o universo juvenil, pelo contrário, para responder a essas indagações tivemos que realizar uma enorme pesquisa com diversos jovens para que essas dúvidas fossem sanadas. O público alvo dessa pesquisa foram jovens a partir de 15 anos de idade trabalhadores/as e moradores/as do município de Surubim/PE. Fica aqui o resultado visível da relação **Jovem versus Trabalho**, *o que resta na sociedade contemporânea para essa classe social.*

De onde surgiu a pesquisa?

A pesquisa *Emprego, Desemprego e Subemprego em Surubim*, surgiu a partir da proposta das Pastorais da Juventude do Brasil (PJ, PJMP, PJE e PJR) em realizar a Semana da Cidadania 2010 (SdC) com o Tema: **Trabalho para a Vida, não para a morte**, em sintonia com a Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens e a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2010 que teve como Tema: **Fraternidade e Economia**. Na ocasião foram pesquisados mais de 1000 jovens entre 15 e 30 anos de diversas realidades e localidades do município de Surubim. A proposta era interferir diretamente no cenário empregatício da cidade com uma proposta inovadora e segura, sem precipitações e pré-julgamentos. Também, chegar junto dos/as vários/as empresários/as que compõem o leque de oportunidades de empregos em Surubim. Fica aqui, então, os frutos dessa pesquisa, uma análise da conjuntura atual do mercado de trabalho, das oportunidades de emprego e das condições da presença dos jovens nos locais de trabalho no território geográfico e político da cidade de Surubim/PE.



Contexto social do município

Surubim é uma cidade do interior de Pernambuco com população estimada em 56.795 pessoas, segundo o IBGE em 2009. Possui uma população jovem estimada em 14.384 jovens de 15 a 29 anos residentes no município no ano de 2001, o que representa pelo menos 29% de toda a população surubinense (IBGE, População e Domicílios - Censo 2000 com Divisão Territorial 2001). Isso significa dizer, que Surubim é uma cidade extremamente jovem. São esses mesmos 29% da população surubinense que alimenta a produção, o consumo, as indústrias, as escolas e são os mesmos que são vítimas do desemprego ou das péssimas condições de emprego na cidade. Ainda citando as estatísticas do IBGE (2009) a incidência da pobreza em Surubim é de 46,91%, representando um alto índice preocupante para a população. Apenas 11.892 habitantes possuem renda de até um salário mínimo e esses números caem quando o valor do salário aumenta, chegando a 19.529 pessoas sem rendimento mensal algum.

Pesquisar, pra quê?

Sabendo que o trabalho é central para a vida humana é preciso denunciar quando ele se torna injusto e desumano à medida que o capital e o lucro assumem maior importância do que a vida. A luta pelo trabalho, como um dos direitos fundamentais do ser humano, central para sua realização pessoal, é uma tarefa importante. No entanto, é preciso ter o entendimento de que esta tarefa deve servir à libertação dos homens e das mulheres (jovens ou não) e não a sua exploração e desumanização.

Sabemos que apesar de ser constitucionalmente garantido, na prática, tanto o direito ao trabalho como o direito à renda são muitas vezes violados. Temos o discurso *versus* a realidade. O que mais incomoda é a falta de oportunidade de emprego ou as precárias condições dos empregados, vivendo assim a idéia do subemprego? Como conciliar escola, lazer, família, igreja e namoro com o trabalho, se o mesmo não permite momentos livres nem para a atualização profissional? Será mesmo, que o jovem não tem qualificação profissional? ou será que devemos apontar por outros motivos, a qualidade da educação, por exemplo? O que não é correto, é continuar a acreditar, que os jovens assim como qualquer outro grupo etário, não se importam com questões essenciais à vida por estarem já inseridos no mercado de trabalho, formal ou não. Assim, essa pesquisa objetiva além de tudo, desvelar questões fundamentais da presença e influencia do fenômeno juvenil nos locais de trabalho.



PAPO RÁPIDO

O desemprego entre os jovens brasileiros é significativamente superior ao do restante da população - apesar do aumento da escolarização dos jovens (IPEA). Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania no ano de 2004, 84% dos jovens afirmam que o trabalho possui um sentido de “auto-realização” e “independência”. Desta forma, é importante reconhecer que a falta do trabalho ou o trabalho em condições precárias ou degradantes, é uma das formas pelas quais o jovem entra no universo onde a exclusão no mundo do trabalho pode ser um dos muitos fatores que desencadeiam a violência juvenil.

Isso é sinal de que o trabalho não deixa de ter sentidos diferenciados e para além do acesso à renda, o trabalho é significado pela juventude como independência, emancipação, de desenvolver a criatividade, de vivência da coletividade, de dignidade... A exploração do trabalho chega, em alguns casos, a gerar condições de verdadeira escravidão.

“Ser jovem, hoje, é ser afetado pelo narcotráfico, pela indústria bélica, pela maneira como funciona o mundo do trabalho. A juventude rural é o 'espelho retrovisor' do processo de desenvolvimento do campo e da cidade.” (Regina Novaes)

Acha justo o/a trabalhador/a ganhar apenas um salário mínimo e trabalhar oito horas por dia, sem possibilidade de experimentar os benefícios do lazer, do tempo livre, do encontro com a família e com os amigos?

“A verdadeira Política Pública de Juventude se faz com a própria Juventude.” (Pedro Mendes, Secretário Especial de Juventude e Emprego/PE)



O desafio para a juventude é estar presente de forma intensa na construção de um novo projeto de sociedade, de um projeto de vida que almeje o trabalho como produtor de sentidos. Ainda que prevaleça, em nossa sociedade, a lógica imposta do “trabalho para a sobrevivência a qualquer custo”, da transformação da força do trabalho em mercadoria, do trabalho como lugar de exploração e violência, precisamos construir coletivamente a superação dessa lógica a partir de alternativas possíveis: trabalho como lugar de convivência saudável, de prevalência da justiça, de concretização de sonhos. Nosso sonho, porém, deve ser acompanhado da luta: por justiça nas relações de trabalho, por respeito aos direitos dos trabalhadores, pela urgência da reforma agrária e condições dignas de trabalho no campo, pelo direito à renda, saúde e vida digna.

Os Jovens e o mundo do Trabalho

Para falar da importância do universo do trabalho na vida dos jovens brasileiros é necessário primeiro compreender como se dá a construção de sua identidade.

Todos os jovens procuram um espaço para exercer seu protagonismo, seja, na escola, família, igreja, bairro, trabalho ou no grupo de amigos. Ele anseia e necessita desse espaço de afirmação de sua identidade. Ele precisa ser ele mesmo, se sentir alguém que ama e que tem amigos, alguém que mantém relações com outras pessoas seja essas relações de amizade, afetiva, sexual, profissional ou grupal. Como dizia Erikson (1976, p. 136) que “o jovem que não está seguro da sua identidade furta-se à intimidade ou lança-se em atos de intimidade que são 'promíscuos', sem uma verdadeira fusão ou real entrega de si próprio” é necessário, então, compreender a busca da Juventude por esses espaços de participação e protagonismo como elemento importante para a vivência de sua identidade.



Essas relações consigo mesmo e sua capacidade de se relacionar com os outros proporciona ao indivíduo no final de sua adolescência ou no início de sua vida adulta a capacidade de aceitar-se e manter relações de equilíbrio ficando longe do sentimento de isolamento caso esse processo não acontecesse (ERIKSON, 1976).¹

O que marca a faixa etária do jovem é a descoberta de si próprio e a descoberta do outro como elemento importante em sua construção de personalidade. Ao passo que o jovem está seguro do seu próprio “eu” ele consegue manter relações seguras, suportar as diferenças, conviver com os outros, pois não se sentem ameaçados em seus próprios valores, o jovem anseia por um momento de se mostrar como capaz. Capacidade para assumir compromissos. Capacidade para desenvolver atividades importantes. É o momento da busca e da necessidade da afirmação de sua identidade e também de sua identidade profissional. Ele precisa dessa realização para se sentir membro ativo e produtivo na sociedade. Precisa encarar seus próprios desejos, sonhos, medos e projetos. Antes era sonho aos poucos passa a se tornar realidade. Ele se depara com muitas novidades. Escolher uma profissão nessa fase da vida é imprescindível para o empoderamento² juvenil. Ele precisa sentir-se realizado. “A realização profissional é o que dará ao indivíduo a capacidade de sentir-se membro ativo e produtivo dentro do grupo social” (RAPAPORT, 1981, p. 30).³

¹ERIKSON, Erik H. *Identidade, Juventude e Crise*. Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1976.

²Empoderamento significa em geral a ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos sociais. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação de uma situação particular (realidade) em que se encontra, até atingir a compreensão de teias complexas de relações sociais que informam contextos econômicos e políticos mais abrangentes. O empoderamento possibilita tanto a aquisição da emancipação individual, quanto à consciência coletiva necessária para a superação da “dependência social e dominação política”. Enfim, superação da condição de desempoderamento das populações pobres, as quais segundo Nyerere (1979), não podem se desenvolver se não tiverem poder (PEREIRA, 2006).

³RAPAPORT, Clara Regina (Coordenadora). *Psicologia do desenvolvimento*. V 04. São Paulo. EPU, 1981.



A medida que os jovens anseiam em afirmar sua identidade também, necessitam para isso, realizar ações que contribuam para que seja externado sua capacidade interior de realizar e criar as coisas. Desejam ser notados pela sociedade, percebidos e utilizam de muitos meios para conseguirem. O importante, então, é ser (re)conhecido, respeitado, principalmente pela capacidade de conseguir realizar as coisas mais difíceis e mais inusitadas.

O jovem deseja e precisa ser ele mesmo. Ele precisa experimentar as novidades que passa a descobrir. Ele precisa aprender, mesmo errando. É o momento dele experimentar tudo o que lhe foi privado na infância. Seu desejo de descoberta é muito grande. Suas concepções, opiniões, suas crenças nesse período da vida está sendo confortada. Cada momento é indispensável para a sua formação e afirmação de sua identidade.

Gostaria de citar as palavras de Hilário Dick quando ele fala a respeito do processo de privação das experiências dos jovens: “Quando o jovem vai descobrindo a beleza da 'saída' para o encontro do outro, uma moral ou um catecismo que somente sabe dizer que isto e mais aquilo é pecado, o jovem se fecha em seu mundo de novidade, gritando com seu silêncio que não pode ser assim” (DICK 2004, p. 76)⁴. Nessa fase o jovem, também, está descobrindo o seu corpo, seus desejos eróticos, fantasia, impulsos sexuais, e, passar por essas privações ou como diz Hilário “catecismo” é fatal. “É a forma mais triste de provocar crises e abandonos [...]” (DICK 2004, p.77).

Então, pensar no protagonismo juvenil a partir do mercado de trabalho, é possibilitar aos jovens, a oportunidade a partir das experiências de outros jovens, os quais potencializam sua identidade, como forma, de aceitar as diferenças, conviver com elas, entendê-las e respeitá-las.

Conceituando Emprego, desemprego e subemprego⁵

⁴DICK, Hilário. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. Porto Alegre: Instituto de Pastoral da Juventude: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2004.

⁵TRABALHO. Caderno Temático da 1ª Conferência Nacional de Juventude.



Emprego: é a condição das pessoas que trabalham em caráter temporário ou permanente, em qualquer tipo de atividade econômica. É determinada por uma relação de vínculo empregatício, contrato de trabalho e ainda contrato de emprego, entre um empregador e um empregado, que estabelece a prestação continuada, numa carga horária definida, de um serviço, mediante salário. Tem como principal característica a subordinação, segundo a qual o empregado está sujeito às ordens do empregador, nos limites previstos no contrato e na lei. No Brasil, o contrato de trabalho é regulado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Desemprego: é a condição ou situação das pessoas incluídas na faixa das “idades ativas” (em geral entre 14 e 65 anos), que estejam, por determinado prazo, sem realizar trabalho em qualquer tipo de atividade econômica.

Subemprego: é uma situação que se encaixa entre o emprego e o desemprego. Ocorre normalmente quando a pessoa não tem recursos ou condições para se manter parada enquanto procura emprego e vai para uma atividade da economia informal (por exemplo, a de camelô na cidade ou no campo, bóia fria) em função da necessidade de sobrevivência, ou atividades degradantes com condições inadequadas de trabalho e baixíssima remuneração (que não garante o mínimo para sobrevivência do indivíduo). Esta situação, que deveria ser temporária, vira definitiva quando o trabalhador não consegue mais voltar à economia formal (com o recebimento de um salário e carteira assinada) e transforma o subemprego em modo de vida.

Os trabalhadores em situação de subemprego não podem pagar à Previdência Social, nem possuem direitos trabalhistas.



Emprego, desemprego ou subemprego em Surubim?

Na pesquisa, foram abordadas questões como, escolaridade, carga horária de trabalho, salário, segurança no trabalho, carteira assinada, hora extra, entre outros aspectos. O que mais chama atenção são os números em relação aos índices de emprego no município. A proposta além de confrontar questões de condições de trabalho entre os jovens, também, conseguiu analisar as condições entre as jovens mulheres e os jovens homens, analisando assim, o preconceito histórico que recai entre o papel do homem e da mulher na sociedade de consumo. Do total de entrevistados/as, 43% são do sexo masculino e 57% feminino. Desses 43%, 19% estão desempregados, enquanto, das 57%, 34% estão sem trabalho. Fica aqui um dado claro da exclusão das mulheres no mercado formal de trabalho. O que nos preocupa é que o principal motivo para esses altos índices de desemprego não é necessariamente a escolaridade, pelo contrário, muitos ou a grande maioria, estudam ou têm o ensino médio completo e até mesmo o nível superior. Então qual a causa desse desemprego em Surubim? Veremos a seguir.



O resultado da pesquisa nos indica um percentual de Emprego de 44% e de 53% de Desemprego tanto para homens quanto mulheres. Um grande percentual desses desempregados/as são jovens menores de 18 anos, que por lei estariam impossibilitados de assumir um posto de trabalho formal, exceto na condição de aprendiz. Dessa forma, o número de desemprego em Surubim passa a assumir um local de inserção dos jovens em locais de trabalho que seja preconizado pela CLT.



Quando analisamos os números referentes aos 44% de empregados/as, devemos observar quais condições esses mesmos têm em seus postos de trabalhos. A pesquisa mostra que apenas 8% dos empregados/as tem seus direitos trabalhistas assegurados. Ou seja, muitos/as desses jovens trabalham sem condições de segurança, em situações precárias, outros/as não conseguem conciliar trabalho com estudo, mencionando terem que desistir dos estudos por causa do trabalho. Em sua grande maioria o salário é inferior ao mínimo exigido, e, tantos outros aspectos que coloca o mercado de trabalho no município de Surubim em condições de subemprego. Para essa afirmação, dispomos o dado da pesquisa que aponta que dos índices de emprego 13% e 15%, para homens e mulheres, respectivamente, não têm suas carteiras assinadas. O que nos dá uma margem de exploração e de poucas condições de segurança no trabalho se equipararmos, ainda, com os índices que mostram as más condições de segurança, no qual 68% dos homens e 47% das mulheres sem carteira assinada não receberam nenhum equipamento de segurança para trabalhar.

Como prezar então, para uma sociedade justa e segura com índices tão preocupantes para a juventude em relação ao emprego e as condições de acesso a ele. Do montante da pesquisa 31% das mulheres de 18 a 24 anos não trabalham. Essa faixa etária que, segundo o CONJUVE, são os considerados na Política Nacional de Juventude os jovens-jovens, ou seja, é o grosso caldo da visível falta de uma economia articulada que permita o acesso ao mercado de trabalho, principalmente, depois da conclusão do Ensino Médio, já que, dessas 63% concluiu ou estão concluindo. Em se tratando da relação do homem nessa mesma abordagem, 43% estão na situação de desemprego na mesma faixa etária das mulheres, 18 a 24 anos, e quanto sua escolaridade, 52% concluiu ou estão concluindo o Ensino Médio. Porém, é nítido perceber as diferenças entre o desemprego masculino e o feminino. Não é só falar que as mulheres têm menos condições de acesso ao mercado de trabalho do que os homens, mas, analisar principalmente os fatores que o causa. Em toda a pesquisa, os números





revelam diferenças históricas entre os jovens do sexo masculino e as jovens do sexo feminino, como por exemplo, o local de trabalho, o qual nos revela que 24% das mulheres trabalham como doméstica, contra o percentual masculino de 7%. Esse número para os homens aparece não como serviço do lar, mas, aqueles serviços que são feitos em casa, como, carpintaria, por exemplo. Aumentando esses números surge a presença do homem também no serviço autônomo, 34% enquanto as mulheres 28%. Parece

aqui, que mais homens que mulheres assumem postos de trabalhos informais. Talvez pela obrigação que é imposta de ser, o homem, o responsável pelo sustento da família.

Não seria correto então afirmar que uma população feminina de 64% e masculina de 52% que receba menos de 01 salário mínimo não estejam em condições de escravidão? Não seria a escravidão, uma forma de mão de obra que não garanta acesso a bens imprescindíveis à vida humana nem ao menos condições de segurança e de reconhecimento pelo trabalho realizado? Caracterizar o “trabalho escravo” às péssimas condições as quais a juventude atual na cidade de Surubim se encontra, não é, de forma alguma, desconsiderar os números que apontam para condições mensuráveis de permanência no trabalho? O que nos deixa sensibilizados e principalmente preocupados é com a fala do jovem quando diz *“tive que sair do trabalho, pois não dava pra estudar e trabalhar ao mesmo tempo, e também o salário era humilhante”* (J.P.S. 19 anos). Essa preocupação parte, do pressuposto, de que todo cidadão têm direito a moradia, saúde de qualidade, casa própria, trabalho e tantas outras coisas que estão garantidas na Constituição Federal e em tantos outros documentos de grande peso social; como, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, por exemplo. E essas garantias muitas vezes, não saem do papel, infelizmente.



Do total de mulheres empregadas com carteira assinada, 16%, ainda, não possuem benefícios sociais garantidos, enquanto, que para os homens, esse número aumenta para 19%. Parece ser pouco, mas, na idéia de que todo trabalhador, por lei, tem direito além de outros benefícios, a férias, 13º salário, licenças, INSS, diárias, horas extras... é a certeza de que pouca fiscalização existe para que os empregadores possam, efetivamente, por em uso as leis trabalhistas. Salientando que, desse montante de jovens com carteira assinada, 50% das mulheres não receberam equipamentos de segurança para trabalhar e para os homens esses números caem para 44%, enquanto que os sem carteira assinada somam 68% e 47% para homens e mulheres, respectivamente.





Esses números nos dão a certeza de que as condições de trabalho se encontram precárias e perigosas no município, chegando algumas vezes a colocar em risco uma grande parte da população jovem que trabalha em postos formais e informais de trabalho. Esses equipamentos não se configuram apenas, ou exclusivamente, capacetes, luvas, óculos, roupas pesadas ou algo nesses moldes, mas também, e principalmente, equipamentos e dispositivos capazes de assegurar o acesso ao local de trabalho, bem como, sua permanência nele com segurança.

Vale levar em consideração em relação aos números dos/as empregados/as com carteira assinada que, 42% das mulheres e 51% dos homens fazem horas extras. O que chama atenção nesses últimos números é que respectivamente, para as mulheres e homens 53% e 40% não recebem nenhum montante por essas horas extras trabalhadas. Afinal, que tipo de emprego está sendo oferecido aos/às jovens atualmente? Se então fossemos analisar esses mesmos índices nos empregos sem carteira assinada certamente os números seriam bem maiores, tendo em vista o vácuo de compromisso entre empregador e empregado. Para comparar esses números é necessário que os/as interessados/as consultem o anexo da pesquisa nesse material.

Vale a pena, mais uma vez, trazer em pauta a questão do salário desses/as jovens no mercado de trabalho, formal ou não. É preocupante afirmar que na cidade de Surubim, mais de 70% dos jovens rapazes recebem menos de um salário mínimo e as moças 68%. Como esses/as jovens conseguirão participar ativamente da sociedade de consumo instalada historicamente para separar “ricos” e “pobres” se os/as mesmos/as não têm condições sequer de se manterem em seus empregos. Sim, pois em grande escala, os/as jovens entrevistados/as têm que pagar suas passagens, almoço, lanche... em seus postos de trabalho. Nesse momento, o acesso a bens socialmente consumidos, de forma controvertida pela moral social, por esses/as atores sociais: os/as jovens, se configuram em média pela busca em serem inseridos/as no espectro social, onde os estereótipos visuais determinam as agregações sociais. Então, não é de forma alguma inocentando como se fosse normal ou deva ser socialmente aceito, porém, as práticas violentas ocasionadas pelos/as jovens nesses moldes tem um desenho de buscar, como qualquer outra pessoa, ter direito a bens universais, como escola, moradia, salário digno, saneamento... mas também a outros tipos



de bens, mais visivelmente agregador e/ou separador social, como: tênis de marca, roupas de grife, idas a Shopping Center, ostentação da beleza física, uso de anabolizantes, práticas de exercícios físicos, etc. tudo isso como forma de pertencer ativamente e poder ser aceito na sociedade de consumo e nos grupos sociais.

Como conciliar muitas vezes o estudo, por exemplo, com o trabalho, se o mesmo quase não permite dias de descanso e/ou folgas, tendo nessa pesquisa um percentual de 40% para as mulheres de trabalho de 6 dias por semana e ainda com carga horária de mais de 8h diárias de trabalho e para os homens um percentual de 39% para as mesmas condições.

Assim, mais uma vez, encontramos situações explícitas de subemprego ancoradas na idéia de que qualquer emprego serve desde que esteja empregado. Porém, para o trabalho ter sentido libertador e empoderador na vida dos/as jovens, ele precisa garantir que os/as mesmos/as consigam acessar de forma

ininterrupta os bens materiais os quais são para eles/as essenciais ou importantes na construção de suas identidades. Assim sendo, qualquer emprego na vida dos/as jovens não basta. Esse emprego precisa dar ao/a jovem um sentimento de prazer pelo que faz, por sua vida, seus/suas amigos/as, familiares, escola, namorado/a... enfim, o acesso ao mercado de trabalho precisa fazer a diferença no dia-a-dia dos/as jovens de Surubim como dos milhares de jovens espalhados por cada cidade

desse imenso Brasil, que em cada realidade consegue deixar bem particular cada situação, mas ainda assim, hegemoniza questões comuns da juventude brasileira – como o trabalho.



Conclusão

A partir da segunda metade da década de 1990, o tema da juventude começou a ganhar projeção e complexidade no espaço público brasileiro e nessa mesma época os índices crescentes de desemprego atingiram sobretudo os jovens, pois, cerca de 52% dos desempregados em 1996 tinham entre 10 e 24 anos de idade (Pochmann, 2000)⁶

Em linhas gerais, os jovens passaram a chamar a atenção da sociedade como vítimas e/ou protagonistas de problemas sociais. Muitos projetos e ações foram e estão sendo criados, dirigidos majoritariamente a adolescentes e focando questões como desemprego, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, drogas e particularmente violência. E à medida que esta última ganha destaque entre as preocupações na sociedade mais os jovens são com ela identificados, reforçando no imaginário social a representação da juventude como um problema.

Apesar da força dessa concepção, um outro movimento começa a ser delineado. Primeiramente, no qual se cresce o reconhecimento de que a juventude vai além da adolescência; tanto do ponto de vista etário quanto das questões que a caracterizam. E de que as ações e projetos a ela dirigidos exijam outras lógicas, além da proteção garantida pelo ECA às crianças e adolescentes. E, pela ação dos próprios jovens, assim como, de ONGs e outros seguimentos, um amplo processo de afirmação da necessidade de reconhecê-los enquanto sujeitos de direitos nos quais começa a ganhar força e legitimidade. Porém, “muitos jovens das classes populares gozam de abundante tempo livre, embora se trate de um tempo de espera, vazio, em virtude da falta de trabalho, de estudo e de alternativas de um ócio criativo e vitalmente enriquecedor” (ABAD, 2003, p. 26). Podemos garantir que esse tempo não é um tempo legitimado



⁶ POCHMANN, Márcio. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações dos anos 1990. *Movimento*. Revista da Faculdade de Educação da UFF, Niterói, UFF-DP&A n. I, maio de 2000.

⁷ ABAD, Miguel. Crítica Política das Políticas de Juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (org). Políticas Públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003, pp. 13 a 32.



e valorizado pela família e pelos pares, mas se configura como um tempo da angústia, impotência, frustração, também o tempo da estigmatização social, um tempo em que empurra na direção da marginalidade e exclusão, o tempo de ficar “marcando bobeira” numa esquina, exposto a agentes da limpeza social. A estes/as, a perspectiva de uma vida de trabalho e sacrifício não lhes parece ter a mesma eficácia que aos seus avós, seja por saberem que não conseguirão o que estes obtiveram ou porque não lhes interessa conseguir unicamente o que seus avós buscavam.

Nessa pesquisa: *Emprego, Desemprego e Subemprego em Surubim*, foi para analisar os moldes atualmente a juventude geopolítica da cidade de aqui as estruturas sociais, religiosas, familiares e jovens que fazem parte da sociedade de consumo jovens aqui pesquisados consomem os produtos



sociais que enquadram no território Surubim/PE. Observo políticas, econômicas, íntimas da vida dos/as da camada produtiva pernambucana. Os/as são os mesmos que culturais disponíveis

no mercado contemporâneo. São esses/as que freqüentam barzinhos, boates, restaurantes, igrejas, escolas, praças... São os/as mesmos/as que se drogam, se prostituem, roubam..., mas também trabalham. O que não se pode é querer explicar fenômenos existentes na vida dos/as jovens de forma isolada de sua vida pública, do seu dia-a-dia. Nesse material, houve-se um cuidado para que todo enfoque dado às questões relativas ao trabalho na vida dos/as jovens fossem analisados levando em consideração, sua vivência e presença na “vida real” da sociedade surubinense. Temos a certeza de que, não apenas para os/as jovens residentes no território da cidade de Surubim, mas também a tantos outros/as que se espalham por esse imenso Brasil, serão contemplados por essas falas e análises técnicas da relação **Jovem versus Trabalho**, o que resta na sociedade contemporânea para essa classe social.



ANEXO

Descrição Geral da Pesquisa

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
Total de Entrevistados/as	1.080
Homens Entrevistados	43%
Mulheres Entrevistadas	57%
Homens Desempregados	19%
Mulheres Desempregados	34%
Homens com Carteira Assinada	8%
Mulheres com Carteira Assinada	8%

Desempregados/as

HOMENS	
DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
Total de desemprego	19%
Faixa Etária	
Menos de 18 anos	35%
18 a 24 anos	43%
25 a 30 anos	13%
Acima de 30 anos	10%
Escolaridade	
Nunca estudou	1%
1º grau	24%
2º grau	52%
3º grau	8%
Situação da Escolaridade	
Incompleto	18%
Completo	24%
Cursando	42%



MULHERES	
DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
Total de desempregadas	34%
Faixa Etária	
Menos de 18 anos	40%
18 a 24 anos	31%
25 a 30 anos	13%
Acima de 30 anos	15%
Escolaridade	
Nunca estudou	1%
1º grau	30%
2º grau	63%
3º grau	4%
Situação da Escolaridade	
Incompleto	19%
Completo	27%
Cursando	51%

Empregados

HOMENS		
Carteira Assinada		
Sim	8%	
Não	13%	
Faixa etária	C/ Carteira	S/ Carteira
Menos de 18 anos	11%	32%
18 a 24 anos	33%	43%
25 a 30 anos	15%	17%
Acima de 30 anos	24%	17%



Escolaridade		
Nunca estudou	2%	0%
1° grau	14%	39%
2° grau	44%	54%
3° grau	26%	15%
Situação da escolaridade		
Incompleto	18%	23%
Completo	40%	33%
Cursando	22%	55%
Carga Horária de trabalho por dia		
Menos de 8h	11%	22%
8h	45%	26%
Mais de 8h	42%	52%
Dias de trabalho		
Menos de 5 dias	9%	6%
5 dias	36%	25%
6 dias	39%	50%
7 dias	16%	19%
Salário		
Menos de 1 salário	20%	52%
1 salário mínimo	57%	33%
2 salários mínimos	11%	6%
Mais de 2 salários mínimos	14%	6%
Trabalha hora extra		
Sim	51%	45%
Não	49%	54%
Recebe pelas horas extras		
Sim	53%	28%
Não	40%	77%
Possui benefícios		
Sim	81%	26%
Não	19%	73%
Tipo de trabalho		



Rural	0%	12%
Empresa privada	6%	26%
Serviço público	18%	8%
Doméstico	2%	7%
Aprendiz	1%	7%
Autônomo	0%	34%
Recebeu gratuitamente os equipamentos Necessários para trabalhar?		
Sim	64%	37%
Não	45%	60%
Recebeu equipamentos de segurança para Trabalhar sem correr perigo?		
Sim	52%	28%
Não	44%	68%

Empregadas

MULHERES		
Carteira Assinada		
Sim	8%	
Não	15%	
Faixa etária	C/ Carteira	S/ Carteira
Menos de 18 anos	1%	28%
18 a 24 anos	31%	45%
25 a 30 anos	24%	15%
Acima de 30 anos	26%	22%
Escolaridade		
Nunca estudou	0%	1%
1° grau	6%	29%
2° grau	24%	32%
3° grau	16%	7%
Situação da escolaridade		



Incompleto	14%	20%
Completo	42%	49%
Cursando	19%	19%
Carga Horária de trabalho por dia		
Menos de 8h	17%	27%
8h	43%	25%
Mais de 8h	40%	47%
Dias de trabalho		
Menos de 5 dias	7%	10%
5 dias	43%	27%
6 dias	40%	44%
7 dias	10%	18%
Salário		
Menos de 1 salário	4%	64%
1 salário mínimo	77%	25%
2 salários mínimos	9%	4%
Mais de 2 salários mínimos	10%	6%
Trabalha hora extra		
Sim	42%	38%
Não	54%	59%
Recebe pelas horas extras		
Sim	20%	19%
Não	53%	58%
Possui benefícios		
Sim	84%	27%
Não	16%	70%
Tipo de trabalho		



Rural	0%	8%
Empresa privada	61%	19%
Serviço público	19%	13%
Doméstico	7%	24%
Aprendiz	2%	7%
Autônomo	0%	28%
Recebeu gratuitamente os equipamentos Necessários para trabalhar?		
Sim	56%	41%
Não	28%	55%
Recebeu equipamentos de segurança para Trabalhar sem correr perigo?		
Sim	41%	25%
Não	50%	47%



José Anierivson Souza dos Santos
Especialista em Juventude - FAJE

Conhecendo o Instituto de Protagonismo Juvenil - IPJ



O IPJ é uma Organização Não Governamental, sem fins lucrativos, criada por jovens provenientes da Pastoral da Juventude, que idealizam uma nova organização a qual desenvolve um trabalho com toda juventude, sempre acreditado no potencial criativo e inovador do

jovem. A entidade foi fundada no dia 17 de maio de 2010.

Acreditamos que podemos **“Contribuir para o desenvolvimento integral dos jovens afirmando seu papel social como promotor de cidadania através da intervenção concreta na proposição e consecução de políticas internas e públicas fortalecendo seu protagonismo na sociedade”**.

Nossa área de atuação abrange todo o território brasileiro na qual trabalhamos alguns eixos temáticos: Políticas Públicas, Relações de Gênero, Capacitação Profissional e Participação Juvenil nos seguintes programas: Formação Integral para Jovens, Formação Continuada para Educadores de Jovens, Articulação em Redes e Gestão & Desenvolvimento Institucional. Identificamos dois segmentos como público: adolescentes/jovens e educadores de jovens.

Temos certeza que Educação é um processo que envolve reflexão, ação e a escuta pedagógica centralizada na vida. Desta forma, esperamos fortalecer e criar vínculos de identidade pessoal, com o outro e com a totalidade.

Dentro dessa perspectiva é que a partir dos programas **“Formação Integral para Jovens; Formação Continuada para Educadores de Jovens e Articulação em Redes”** é que assessoramos a pesquisa sobre Juventude e Trabalho e produzimos esse material sobre o mesmo.



Programa de Formação Integral para Jovens – este programa tem como foco direto o nosso público – a juventude. Através desse trabalho e do contato com os jovens aprimoramos o estudo a cerca do fenômeno juvenil. Conhecemos e entendemos de perto o perfil da juventude surubinese e região. O jovem sendo entendido em seus anseios, suas angústias, suas dúvidas, sua rebeldia e apaixonados por seus ideais, convicto que pode fazer parte da construção de um novo tipo de sociedade.

Programa de Formação Continuada para Educadores de Jovens – acreditamos que os educadores são estrategicamente essenciais no processo formativo da juventude. Com eles buscamos descobrir e construir metodologias mais participativas que respeitem os jovens como indivíduos de direitos que são e ajudem a vencer as barreiras nas relações que existem na família, na escola e na comunidade.

Programa de Articulação em Redes – os outros programas têm uma ação mais voltada para formação. Entretanto, sabemos que o intercâmbio e a articulação entre as organizações diversas são um importante instrumento para construção de uma nova nação. Acreditamos que o protagonismo juvenil é uma alternativa saudável onde o jovem e o educador, cada um no seu espaço, podem mostrar sua ação, propor, fiscalizar políticas para a juventude e a sociedade, através do estabelecimento de relações em redes e parcerias com outras organizações ampliando assim, sua atuação.

Neste sentido, o fazer pedagógico pode ser traduzido através de práticas educativas que valorizem a autonomia dos sujeitos, que tenham a reflexão teórica como elemento estruturante da nossa ação, que aportem a criticidade, a alegria, a ousadia, a esperança e o questionamento cotidianamente, dessa forma tenham o diálogo como instrumento de comunicação.

Conselho Diretor

Instituto de Protagonismo Juvenil

IPJ



Marcas e Lembranças da Semana da Cidadania 2010...







EXPEDIENTE

Diretor Presidente

José Aniervson S. Santos

Diretora de Projetos

Cinthia M^a Queiroz da Silva

Diretor Financeiro

Taciano Neidson A. da Silva

Secretária

Anaihara Assunção de Arruda

Conselho Fiscal

Mirelli Nascimento dos Santos, *titular*

Janeson Costa Baé, *titular*

Marcílio Emmanuel Marques de Souza, *titular*

Maria Aparecida G. do Livramento, *suplente*

Edivalda Pinto da Silva, *suplente*

José Hirgo Ribeiro Cardoso, *suplente*

Conselho Político

Élcio Ricardo de Melo Farias

Robson Santana da Silva

José Nivaldo da Silva Filho

Kássia Maria Queiroz da Silva

Viviana Silva dos Anjos

Equipe responsável pela coleta dos dados: Aline Pereira Barbosa, Anaihara Assunção de Arruda, Cinthia M^a Queiroz da Silva, Edivalda Pinto da Silva, Julia Graziella de Moura, Kássia M^a Queiroz da Silva, M^a Aparecida Gomes do Livramento, Marcílio Emmanuel Marques de Souza, Renato dos Santos, Taciano Neidson A. da Silva, Viviana Silva dos Anjos.

Técnico responsável: José Aniervson S. Santos.

Material produzido pelo Instituto de Protagonismo Juvenil solicitado pela Pastoral da Juventude de Surubim.

Texto e capa: José Aniervson S. Santos

Revisão: Lindiana Regina da Silva

Impressão: Gráfica Agreste Ltda.

Tiragem: 1000 exemplares

Agradecimentos:

Ao Governo de Pernambuco através da Secretaria Especial de Juventude e Emprego e do Conselho Estadual de Políticas Públicas de Juventude, às Paróquias de São José e São Sebastião de Surubim-PE, ao Conselho Nacional de Juventude, às Escolas Públicas Municipais e Estaduais de Surubim-PE, aos grêmios estudantis, à Deputada Estadual Tereza Leitão, ao Mestre de Cerimônia e Relações Públicas Roberto Pessoa, à Pastoral da Juventude de Surubim, ao Instituto de Protagonismo Juvenil - IPJ e a todos e todas que contribuíram de alguma forma para que esse trabalho fosse realizado.

juventude.ipj@gmail.com

©Todos os direitos reservados / IPJ - 2010

Santos, José Aniervson Souza dos
Jovem versus Trabalho: o que resta da sociedade contemporânea para essa classe social
/ José Aniervson Souza dos Santos. – Surubim: IPJ, 2010.

Para garantir a igualdade de gênero este material está escrito numa linguagem inclusiva. Leia-se no masculino e/ou feminino.

Realização:



GOVERNO DE
Pernambuco
Secretaria Especial de Juventude e Emprego



Pastoral da Juventude
Surubim-PE

Paróquia de São José
Paróquia de São Sebastião
Surubim-PE



INSTITUTO DE
Protagonismo
Juvenil
Promovendo a Cidadania e o Protagonismo Juvenil

Agradecimentos Especiais:

Conselho Estadual
de Juventude de Pernambuco

CONJUVE
CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE

www.juventudeprotagonista.org.br